

**ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA: AS VISÕES DAS HISTORIOGRAFIAS
LIBERAL OCIDENTAL, OFICIAL SOVIÉTICO E LIBERTÁRIA
REVISIONISTA, SOBRE A REVOLUÇÃO BOLCHEVIQUE DE OUTUBRO
DE 1917**

**BETWEEN HISTORY AND MEMORY: THE VISIONS OF WESTERN
LIBERAL, SOVIET OFFICIAL, AND REVISIONIST LIBERTARIAN
HISTORIOGRAPHIES, ON THE BOLSHEVIK REVOLUTION OF
OCTOBER 1917**

JOHNY SANTANA DE ARAÚJO¹

RESUMO: O presente artigo consiste em uma reminiscência da Revolução Bolchevique de outubro de 1917, e o seu significado para o mundo atual. Entre acertos e erros, adaptações e distorções, a construção de uma historiografia sobre o evento tem sido motivo de preocupação constante de historiadores, ao longo dos anos, quer seja a historiografia oficial soviética, quer seja a historiografia liberal ocidental, ou as novas concepções no campo da história revisionista pós-era soviética. Por fim, avalia-se a importância histórica da própria Revolução para o mundo.

PALAVRAS-CHAVES: Rússia. Revolução. Historiografia.

ABSTRACT: This paper consists of a reminiscence of Bolshevik Revolution of October 1917, and its meaning for the world today. Between adjustments and errors, adaptations and distortions, the construction of a historiography about the event has been a constant concern of historians over the years, whether it be the official Soviet historiography, western liberal historiography or the new conceptions in the field of post-Soviet era revisionist history. Finally, the historical importance of the Revolution itself to the world is evaluated.

KEYWORDS: Russia. Revolution. Historiography.

¹ Professor do Departamento de História e do Programa de pós Graduação em História do Brasil da UFPI. É do Líder do Núcleo de História Memória, Sociedade e Política cadastrado junto ao Diretório de Pesquisas do CNPq. E-mail: johnysant@gmail.com

O Início do fim em 1917

Em outubro de 1917, um grupo relativamente pequeno de combatentes atreveu-se a tomar o Palácio de Inverno; era um grupo pequeno. Até o movimento de fevereiro de 1917, compunha uma guarnição militar extremamente disciplinada, mas algo estava errado.²

O Exército Russo entrou na grande guerra; força em grande medida, representante de uma sociedade agrária de um país com vastidão geográfica continental. Tão grande que o próprio plano de invasão alemão à França preconizava que tão rápido seria a derrota da França e que não daria sequer tempo de a Rússia mobilizar-se (KEEGAN, 1978; STEVENSON, 2016).

Apesar de os sucessos iniciais, a forte instabilidade política e a falta de fôlego das Forças Armadas levaram ao movimento de fevereiro, e, por fim, ao movimento de outubro. O pensamento revolucionário, de alguma forma, já havia tomado conta das forças Armadas, o papel dos soviets, trabalhadores, soldados e camponeses foi de fundamental importância para a conscientização de que a guerra era um conflito das potências capitalistas, e atendia aos interesses desses capitalistas.

Não raro ocorreram, sobretudo ainda em fins de 1914, tal como aconteceria em 1916 e 1917, amplas manifestações de solidariedade das forças combatentes na frente Leste, quando soldados russos conclamaram seus camaradas austríacos para festejar a vida e a paz (JUKES, 1979). A influência disso se fazia sentir, pelo menos em outras ocasiões, na gente ocidental, quando o Exército inglês, francês e alemão parou de combater, para celebrar o Natal de 1914, com os irmãos e camaradas.

Em fins de 1917, depois da fracassada ofensiva francesa na *Batalha de Chemim de Dames*, quando os exércitos franceses se rebelaram com o regimento russo, que atuava em uma de suas alas (UFFINDELL, 2015), ambas as forças já estavam bastante alimentadas por uma corrente revolucionária.

Os problemas do Exército e da Marinha russa de 1914 a 1917

A Marinha seria o primeiro bastião de levantamento, pois do Cruzador Aurora um Comitê revolucionário foi estabelecido dentro do navio, e a imensa maioria de seus

² Sobre a natureza da composição da guarnição do Exército Russo em Petrogrado, à época da Revolução de fevereiro de 1917 (Cf. WALSH, 1981).

tripulantes uniram-se aos bolcheviques, que pretendiam depor o governo recém-instalado e promover uma revolução socialista.

Anos antes, em junho 1905, o navio tornou-se famoso por causa da revolta de sua tripulação. Depois do domingo sangrento, o encouraçado *Potemkin*, da Esquadra do mar negro, continuou realizando uma série de levantes militares.

Em 25 de outubro de 1917, o cruzador *Aurora* recusou as ordens de sair para o mar, causando alvoroço na cidade. Por volta das dez horas da noite, um estouro vindo do cruzador alertava os bolcheviques para que invadissem o Palácio de Inverno, antiga moradia do czar. Essa invasão permitiria que Vladimir Lênin assumisse o governo russo.

A Revolução Russa foi um evento fundamental na história contemporânea. Com a Revolução Francesa de 1789, a Revolução Russa é uma das mais estudadas, analisadas e interpretadas de todas as revoluções. Os eventos na Rússia entre 1905 e 1924 chamaram a atenção de milhares de historiadores e pesquisadores.³ Esses eventos moldaram não apenas o futuro da Rússia, mas o futuro da Europa e do Mundo.

Sem a Revolução Russa, o século XX teria tomado um curso radicalmente diferente. Sem revolução, por exemplo, os resultados da Segunda Guerra Mundial poderiam ter sido diferentes; e a Guerra Fria, um período de tensão de cinco décadas. O distanciamento entre o bloco soviético e as nações ocidentais nunca teria acontecido. A Revolução Russa deu origem a algumas questões importantes.

— A Revolução Russa foi parte de um processo inevitável, como o próprio Marx previu, ou foi uma resposta às condições na Rússia? — Em que medida as revoluções 1905 e 1917 foram apoiadas popularmente? — A Revolução de outubro foi uma revolução popular ou simplesmente um golpe oportunista? — Quão bem-sucedida foi a nova sociedade criada por Lenin e os bolcheviques? — Eles resolveram os problemas que esperavam resolver — E, se não, o que os impediu?

A Revolução de outubro foi uma revolução?

Boa parte do debate historiográfico sobre a Revolução Russa depende dessa questão. Em outubro de 1917, os bolcheviques, agindo em nome dos soviéticos, derrubaram o governo provisório da Rússia. O Governo Provisório não foi eleito, mas deu alguns passos para formar e implementar um governo democrático. Lenin afirmou que os bolcheviques

³ É vasta a bibliografia sobre a Revolução Russa de 1917, para tanto, recomendo o trabalho de Angelo Segrillo sobre a historiografia do movimento (SEGRILLO, 2011).

tinham todo o direito de tomar o poder, citando a Teoria Marxista e o apoio do Soviete de Petrogrado.

Os historiadores formaram diferentes pontos de vista sobre a conquista bolchevique do poder, em outubro de 1917. A maioria das perspectivas conservadoras ou liberais o condena como um golpe de Estado, um ataque de poder ilegal, realizado por um pequeno grupo de radicais sem autoridade legítima ou apoio popular. Richard Pipes, por exemplo, atribui à Revolução de outubro as ações e manipulações de Lênin (PIPES, 2008).

De acordo com Pipes (2008), Lenin constituiu-se na fonte mais significativa de agitação; e foi pouco mais do que um tomador de oportunidades que explorou a desordem de 1917 para sequestrar o poder. As histórias soviéticas oficiais e muitos historiadores de esquerda argumentam que a Rússia estava apta para uma segunda Revolução em 1917, e que Lênin estava justificado em tomar o poder em favor dos soviéticos.

Visão crítica de uma historiografia da direita

Historiadores liberais ou conservadores como Pipes, Robert Service e Martin Malia⁴ afirmam que a Revolução Russa falhou porque sua ideologia estava profundamente imperfeita. O Socialismo, argumentam, é um sistema não natural e insustentável que está sempre destinado a falhar. Os problemas da nova sociedade na Rússia foram causados não apenas pelo erro ou pelo excesso humano, mas pela ideologia bolchevique impraticável.

O Socialismo marxista-leninista gozava de um apoio insignificante do povo russo, portanto, implementá-lo exigia que os bolcheviques usassem terror e coerção. Um número considerável de russos, como Kulaks,⁵ e os comerciantes do mercado negro, agarrou-se aos elementos característicos do capitalismo — dinheiro, lucro, propriedade e mercado — mesmo quando o novo regime havia proibido tais coisas.

A ordem econômica do Socialismo russo era ilógica e não oferecia incentivo aos camponeses ou trabalhadores. O governo soviético tinha apoio restrito, e nenhuma base moral, forçando-o a confiar na coerção e na violência para reter o poder e impulsionar as mudanças políticas.

⁴ Os referidos historiadores representam um grupo que tenta ver a História das Revoluções russas a partir de uma visão crítica especificamente norte-americana e inglesa (Cf. PIPES, 2008.); (SERVICE, 1999.); (MALIA, 1994.).

⁵ Era uma categoria de camponeses afluentes no fim do Império Russo, na Rússia soviética e na antiga União Soviética. A palavra Kulak referia-se originalmente a agricultores independentes no Império Russo que emergiram do campesinato, tornando-se ricos após as reformas agrárias instituídas em 1906, durante o mandato de Pyotr Stolypin, que exercia o cargo de presidente do Conselho de Ministros. A reforma ficou conhecida como Reforma de Stolypin (Cf. PIPES, 2008).

No entanto, se tomarmos como referência a ideia de que um processo revolucionário tem a possibilidade de modificação completa de uma sociedade, tal como aponta Bobbio, poderemos entender que “a Revolução é a tentativa, acompanhada do uso da violência, de derrubar as autoridades políticas existentes e de substituí-las a fim de efetuar profundas mudanças nas relações políticas, no ordenamento jurídico-constitucional e na esfera socioeconômica” (BOBBIO, 1998, p. 1121). Sendo assim, a Revolução Russa insere-se perfeitamente nessa perspectiva.

O campesinato apoiou ou se opôs à revolução?

O campesinato, historicamente, sempre ou quase sempre, manteve-se arreado e distante dos grandes movimentos sociais e revolucionários. De forma inconsistente ou consciente, durante o século XIX e início do século XX não foi diferente. Os conceitos gerais de Nacionalismo, Socialismo e Liberalismo não fizeram parte do mundo campesino, o nascimento do Nacionalismo, durante a Revolução Francesa, igualmente os mantiveram distantes, tal como ocorreu durante a Revolução Bolchevique e pós-guerra civil na Rússia.

Segundo Vladimir Brovkin (1997), os bolcheviques conseguiram aproveitar e reter o poder, porque o campesinato não ofereceu resistência. O campesinato russo era, em sua maioria, apático em questões de governo e política. Muitos camponeses apoiaram as políticas de Reforma Agrária dos socialistas revolucionários, e votaram em conformidade nas eleições para a Duma e a Assembleia Constituinte. Contudo, os camponeses não tinham lealdade real aos socialistas revolucionários ou a qualquer outro partido, testemunharam sua falta de resposta quando os bolcheviques fecharam a Assembleia Constituinte (BROVKIN, 1997).

A maioria dos camponeses russos era insular e resistente a qualquer coisa que perturbasse sua comunidade; eles não gostaram do governo nacional, burocratas, estranhos a novas ideias. Durante os primeiros meses do governo bolchevique, houve um pequeno problema entre o novo regime e o campesinato, os Kulaks e as políticas de coletivização agrícola de Stalin na década de 1930; todos levaram o regime soviético a entrar em conflito com o campesinato.

A teoria de uma Rússia não modernizada e não industrializada

No que se refere à industrialização, o diplomata americano e historiador George Kennan (1956) argumentou que a Revolução Russa foi provocada pela modernização. Segundo o autor, décadas de crescimento econômico não foram acompanhadas por reformas

sociais ou modernização política. As políticas progressistas do Ministro Sergei Witte, durante a década de 1890, ajudaram a desenvolver a industrialização russa,⁶ o que levou à rápida expansão de duas classes: a classe trabalhadora industrial e a classe média profissional. Ambas as classes tinham um potencial revolucionário considerável: — os trabalhadores procuravam condições melhoradas enquanto a classe média exigia maior representação política (KENNAN, 1956).

A autocracia czarista não era suficientemente inteligente para prever essas mudanças, ou competente e flexível o bastante para gerenciá-las. Como consequência, tudo se rompeu com o colapso da Primeira Guerra Mundial. Por sua vez, Theodore von Laue expandiu a teoria de Kennan ao apontar que a industrialização da década de 1890 não era um processo natural ou orgânico, desencadeado por uma sociedade em mudança e modernizadora (LAUE, 1963), ao contrário, ela havia sido iniciada graças à política de modernização, perpetrada por Sergei Witte e financiado por empréstimos e investimentos estrangeiros.

A revolução como uma revolta popular e a visão das historiografias: oficial soviética e a libertária-revisionista.

A visão soviética da revolução foi articulada com base na historiografia oficial do Estado, publicada pelo Partido Comunista da União Soviética (PCUS), no final da década de 1930, quando se espelham os valores revolucionários bolcheviques. De acordo com a historiografia soviética, a Revolução Russa foi orquestrada e liderada por Lênin e os bolcheviques, em nome das massas trabalhadoras. Lenin e o partido agiram como a “vanguarda do proletariado”, derrubando um governo burguês corrupto, ao tempo em que imbuíam trabalhadores, soldados e camponeses russos com “consciência de classe”.⁷

A Revolução de outubro foi necessária e inevitável. Também seguiu os princípios adotados na teoria do percurso histórico proposto por Karl Marx. As ideias contrastantes foram oferecidas por historiadores libertários e revisionistas.⁸ Ao contrário das histórias conservadoras e soviéticas ocidentais, os historiadores libertários afirmam que as revoluções russas foram conduzidas e moldadas por pessoas comuns, tanto quanto por líderes

⁶ Sergey Witte era economista, foi ministro e primeiro-ministro dos últimos dois imperadores da Rússia, Alexander III e Nicholas II. Witte era altamente influente na Rússia imperial, e uma das figuras-chaves na arena política no final do século XIX e no início do século XX. Não era nem liberal nem conservador, mais atraiu capital estrangeiro para impulsionar a industrialização da Rússia (Cf. HARCAVE, 1990).

⁷ Sobre a visão oficial do Estado Soviético, ver o clássico Golub P. A.; G. D. Obichkin (1939).

⁸ Ver os trabalhos de Fitzpatrick (2017); Ferro (2011).

individuais. As revoluções de 1905, fevereiro de 1917 e outubro de 1917 foram todos movimentos de massa genuínos.⁹

As pessoas que participaram desses movimentos o fizeram com seus próprios interesses e motivações em mente; eles não eram simplesmente seguidores servos de Lênin ou outros líderes. Os historiadores revisionistas chegaram a conclusões semelhantes ao estudar os escritos e as histórias dos russos comuns. Eles não eram simplesmente seguidores apáticos de Lênin ou outros líderes, não eram sujeitos de segunda ordem dentro de um processo histórico, pelo contrário, a maioria estava perfeitamente consciente do processo e de ser o ator principal.

Os sujeitos estavam, deste modo, mais ligados a uma perspectiva revisionista; a obra de Sheila Fitzpatrick (2017) explorara o fenômeno da chamada Revolução Cultural; segundo a autora, havia elementos significativos carregados de idealismo utópico com forte impulso popular, que, em alguns aspectos, eram independentes do controle de Lenin e posteriormente do próprio Stalin.

Para Marc Ferro (2011), o centro de seu relato não é Kerensky nem Lenin, mas as massas russas. O aspecto mais original da Revolução Russa de fevereiro de 1917 foi sua evocação da vontade das massas, as aspirações de trabalhadores, camponeses e soldados e sobre as possibilidades quando da queda do czar, pois tudo parecia possível. Depois de um breve resumo, a história agora é retirada do fracasso da ofensiva de junho e dos dias de julho. Marc Ferro procura analisar e documentar a rápida radicalização das massas durante o verão de 1917.

A revolução falhou porque estava “inacabada”: a crítica de Trotsky

No coração das histórias libertárias, são sugestões de que a revolução estava “inacabada” ou traída. A teoria da “revolução inacabada” sugere que a prisão bolchevique do poder, em outubro de 1917, foi uma verdadeira revolução, exigida e apoiada pelo proletariado.

Contudo, a Revolução de outubro foi mais tarde desviada e traída, particularmente depois de 1923, quando a saúde doente de Lenin o forçou a retirar-se da liderança ativa do partido. A ideia de que Stalin “traiu” a revolução de Lenin vem em grande parte de Leon Trotsky e do material que ele publicou depois de ser exilado da Rússia.

⁹ Cf. Brinton (1970).

Em seu livro de 1936, *A Revolução Traída*, Leon Trotsky atribui grande culpa às falhas da nova sociedade aos pés de Stalin. Com relação a Stalin, Trotsky escreveu: “O partido foi purgado do seu talento, iniciativa e espírito livre. *O velho partido bolchevique está morto*” (TROTSKY, 2005). Ele criticou o uso da violência e da repressão por Stalin, bem como o surgimento de uma gigantesca burocracia estatal.¹⁰ Os historiadores liberais-conservadores, como Pipes (2008), respondem apontando que essas práticas e instituições começaram realmente sob a autoridade de Lênin.

Independente dos problemas estruturais, o legado da revolução também pode ser traduzido pela grande influência do movimento ao longo do século XX, da Grande Marcha de Mao Tse Tung em 1948, a Revolução Cubana, a independência do Vietnã e a sua posterior unificação em 1975.

Pensar a Revolução Bolchevique e o seu legado vai além dos crimes relegados aos continuadores do regime soviético, se observarmos que os crimes do Capitalismo também contribuíram para um legado de desumanidade e abandono dos que necessitavam e necessitam de cuidados, fruto do individualismo, nascido e avigorado com o liberalismo do século XIX e desenvolvido em todas as suas forças ao longo do século XX.

Mas é na Revolução Francesa que paradoxalmente as forças liberais e sociais se desenvolveriam a partir dos conceitos subjacentes a eles.¹¹ É com o conceito de Socialismo desdobrado da Revolução Francesa, mãe de todas as Revoluções, que daria a Revolução Russa o fortalecimento dos ideais mais humanistas apregoados pelo Marxismo pensado em meados do mesmo século XIX, inaugurando o princípio da coletividade e do humanismo que deveria ser intrínseco ao comportamento da sociedade como um todo.

Nos dias atuais, a Rússia Moderna é um regime federalista presidencialista e multipartidário, o Comunismo foi deixado de lado no início da década de 1990. No entanto, ao vermos os elementos que compõem a estética da arte russa, sobretudo aquela ligada às grandes festas nacionais — o próprio termo nacional nos dá uma pista clara do caminho percorrido pelo próprio comunismo russo — podemos entender que a manutenção do Estado acabou sendo a salvaguarda do sistema, justamente o que Karl Marx mais condenava: — o Estado e a Burocracia.

Segundo Marx, o “Estado não é mais do que a forma de organização que os burgueses necessariamente adotam, tanto no interior como no exterior, para garantir recíproca de sua propriedade e de seus interesses” (MARX, 1993, p. 98).

¹⁰ Para maiores detalhes da História da Revolução pelos olhos de Trotsky, ver Trotsky (2017). 3v.

¹¹ Sobre a Revolução Francesa (Cf. HOBBSAWM, 2009).

Para ele, o Estado e a burocracia, tal como estavam postos no mundo do século XIX, possuíam princípios diferenciados, no entanto, deveriam estar na mesma altura, mas na prática representavam coisas distintas e contrárias aos interesses do povo.

A “burocracia” é o “formalismo de Estado” da sociedade civil. É a “consciência do Estado”, a “vontade do Estado”, “o poder do Estado” enquanto corporação, isto é, como sociedade particular, fechada no Estado [...] A burocracia é, portanto, obrigada a proteger a generalidade imaginária do interesse particular a fim de proteger a particularidade imaginária do interesse geral (MARX, 1983, p. 71).

Esses dois últimos, especialmente o Estado, mantiveram viva na Rússia uma chama maior que a própria ideologia do Comunismo, o Nacionalismo. Stalin, por exemplo, ao evocar o povo russo para a grande Guerra Patriótica, o faz muito em nome de uma particularidade nacionalista, e não a favor de um clamor da Internacional Socialista.

Para se pensar o legado da Revolução

Para além da Rússia o legado da Revolução no campo da política internacional deu uma grande contribuição. A China moderna e mesmo o Vietnã não são a sombra das propostas originais de seus fundadores, talvez a China estivesse dentro de uma agenda de reformas apregoadas por um de seus fundadores Deng Xiaoping, ao propor um País e dois sistemas ao reunificar Hong Kong e Macau.

A proposta de Deng Xiaoping abriu espaço para a existência, mesmo que parcialmente, do sistema capitalista; Xiaoping acreditava que a introdução do livre mercado seria benéfica para o incremento do socialismo na China e hoje a República Popular da China é a segunda economia mundial, estando apenas atrás dos EUA.

Outro exemplo é o Vietnã, cuja ideia de unificação talvez estivesse acima da agenda de um Comunismo na essência de uma verdadeira internacional socialista, se pensarmos que o nacionalismo foi o fortificante natural da causa vietnamita.

O regime socialista cubano preocupou-se com o Estado de bem-estar do povo e exportou avanços no campo da Educação da Ciência e da Medicina, mas teve o seu vigor econômico amputado por causa do bloqueio econômico dos EUA avalizado pela OEA. Por outro lado, a Coreia do Norte lamentavelmente tem sido o pior exemplo da ampla distorção do que seria um comunismo ou socialismo de Estado.

Devemos pensar a revolução como um elemento de inspiração para aqueles que não encontram em via alguma um caminho para buscar os seus direitos; não podemos apagar da

história um percurso, uma experiência que nos ensina que o poder advém tão somente de uma camada detentora do poder. Infelizmente o regime soviético passou a ser caracterizado como uma ditadura de esquerda, essa se tornou muito mais por conta das anomalias inerentes a quem constrói o sistema, os seus líderes e o culto ao personalismo da época stalinista.

O pensamento social de Herbert Marcuse, membro da escola de Frankfurt, explica muito bem essa perspectiva ao afirmar que, “[...] como consequência do progresso técnico, a manipulação das necessidades tornou a ausência de liberdade confortável, diluiu-se o operariado como sujeito revolucionário, e fica anulada uma oposição eficaz” (MARCUSE, 1969, p. 48). Para Franz Josef Brüseke, seria demais chamar isso de uma nova estratégia política (BRÜSEKE, 1998, p. 29).

Assim, o proletariado deixou de ser um grupo que representava uma oposição à sociedade hegemônica, deixou de ser revolucionário; deste modo, fica a pergunta: — Qual grupo social faria essa oposição? Por fim atentemos novamente à percepção de Marcuse sobre a manipulação das necessidades do operariado ao afirmar que “todas as revoluções foram também revoluções traídas” (MARCUSE, 1975) e de alguma forma acabou concordando com Trotsky.

Em outro extremo, podemos pensar que tal explicação se aplica de igual forma às ditaduras de direitas, que foram inúmeras, agravadas de igual modo pelo conceito de liberalismo ou de ultranacionalismo, com o primeiro sufocando o operariado e o segundo cooptando-o.

Se a experiência socialista falhou na União Soviética, foi muito mais pela inépcia e corrupção dos seletos burocratas que a conduziram do que necessariamente pelos ideais humanistas inerentes a ela. Há uma anedota muito interessante sobre Marx e Engels propalada pela miríade da *intelligentsia* que estuda a história da Rússia Soviética, a de que, se Marx tivesse vivido à época da Revolução Bolchevique, ele fatalmente teria sido morto; se ambos tivessem vivido à época dos grandes expurgos, propalados por Stalin em 1937, eles teriam sido mortos; e de modo geral, se tivessem vivido qualquer outra fase da História Soviética talvez nem Marx seria marxista.¹²

Após o percurso histórico do Socialismo no mundo, seria bom pensarmos em termos humanistas de que, em dias atuais, o que nos permite fazer frente ao capitalismo desumano

¹² Frederich Engels, em carta a um amigo, fez referência a essa expressão, que se tratava de um sarcasmo de Marx, ao afirmar que: “Se algo é certo, é que [ele] próprio não [era] um marxista”. Na verdade, Marx se referia a uma crítica feita por ele ao “marxismo” francês, alertava para se tomar cuidado com leituras mecânicas, parciais, e fora de contextos (Cf. ENGELS/BERNSTEIN, 1882).

ainda é o Marxismo, não um marxismo estruturalista,¹³ mas um marxismo que toma em consideração questões culturais, tais como propunha a nova esquerda inglesa de Hobsbawm, Thompson, Hill e os Irmãos Anderson.¹⁴

A consciência de que se faz parte de um grupo que deve ser coeso e não sucumbir às forças capitalistas, à exploração da força de trabalho e da alienação deste, caracterizada e representada pela selvageria excessiva e desrespeitadora dos direitos, não só dos trabalhadores, mas do ser humano, acredito que uma das formas possíveis para se fazer frente ao crescente desrespeito aos direitos dos trabalhadores ainda é a consciência de classe.

Hoje, diante de tantos desafios, é de bom alvitre temer os caminhos do mundo, pois à semelhança do que afirmou Christopher Hill, pode-se entender a História a partir de rupturas e permanências.¹⁵

Por sua vez, em 1932, o mundo vivia o seguinte quadro: Em primeiro lugar, a ascensão e fortalecimento de um regime comunista, transformado em um regime estruturado, em uma ditadura (não do proletariado), mas de Estado centrado na figura personalista de um líder forte da URSS. Em segundo lugar, o fracasso da economia de mercado, seguido pela promessa de uma reestruturação social e econômica a partir de um “novo acordo”, perspectiva esta personificada nos EUA. E, finalmente, a mais perigosa de todas, a extrema direita nazifascista, militarizada e imperialista da Itália da Alemanha e do Japão.

Os crimes perpetrados pelo regime comunista soviético do período Stalinista estariam muito mais ligados a questões nacionalistas do que a uma verdadeira consciência de uma internacional socialista. O Holodomor a fome propalada contra os Ucrânios, os massacres contra as etnias menores na Rússia, o massacre de Katyn contra o Exército polonês, a ocupação dos países Bálticos e a Finlândia¹⁶ não chegam aos pés do sistema industrial de eliminação, criado pelos nazistas na Alemanha, com uma combinação de

¹³ Cf. Althusser (1987). A teoria dos Aparelhos Ideológicos de Estado, proposta por Althusser, arquiteta uma visão monolítica e definida de organização social, onde tudo é rigidamente constituído, esboçado e deliberado pelo Estado, de tal maneira que nada mais resta aos sujeitos. Não há nenhuma alternativa, a não ser a resignação do sujeito perante o Estado inteiramente predominante. É uma visão muito simplista dos aparelhos ideológicos, como meros agentes, a fim de garantir o desempenho do Estado e da ideologia. A teoria sofreu dura crítica de Edward Palmer Thompson que escreveu um livro intitulado: *A miséria da Teoria* (Cf. THOMPSON, 1981).

¹⁴ Surgida na Inglaterra, durante a década de 1960 do século XX, em torno de nomes como Stuart Hall, Edward Palmer Thompson, Raymond Williams, Eric Hobsbawm, Christopher Hill, Benedict Anderson e Perry Anderson, que compunham a chamada *New Left Review*, procuravam entender o homem como um participante do processo histórico, a partir de uma perspectiva cultural; eram então críticos do modelo marxista que se produzia na União Soviética (Cf. ARAÚJO, 2015).

¹⁵ Sobre essa noção, Hill identificou o retorno de certas práticas adotadas pela Monarquia inglesa, a fim de manter-se no poder após a restauração, por receio da violência desencadeada nas revoluções de 1640 e 1650 (HILL, 1987, p. 117-155).

¹⁶ Sobre as barbáries cometidas pelos Estados Comunistas, cf. Courtois (2015).

burocracia e industrialização para a execução de assassinatos, pois, segundo Hobsbawm, os “diligentes burocratas alemães, [...], podiam organizar os horários de trem para o abastecimento regular de comboios da morte para os campos de extermínio poloneses, com menos senso de envolvimento pessoal” (HOBSBAWM, 2003, p. 57).

Os erros do regime soviético não se comparam aos assassinatos perpetrados pelos japoneses, durante a Segunda Guerra, no decorrer da ocupação na China. Não se igualam aos massacres do Neocolonialismo da Era Vitoriana, na segunda metade do século XIX, praticados pelos ingleses na Índia, pelas potências imperiais na África e na Ásia; não se aproximam dos crimes cometidos pelo Rei Leopoldo da Bélgica, na mesma África, no Congo, cujo resultado se desdobra até hoje. Acrescentando-se a isso todas as perseguições propaladas durante a Guerra Fria na segunda metade do século XX, da América Latina, passando pela selvageria da Guerra do Vietnã,¹⁷ conduzida pelo imperialismo dos EUA. Não estamos falando em número, pois, se os números aparecessem, somente a perda de vidas russas, de eslavos, judeus, minorias étnicas, políticas na Europa e no Oriente, dos chineses nas mãos dos japoneses, estaríamos falando na casa dos 40 milhões de vidas.¹⁸

O maior papel do regime stalinista certamente foi manter o povo soviético unido em torno de uma causa nacional; o tremendo esforço do Exército Vermelho e das Forças Armadas da Rússia, em geral, durante a Segunda Guerra, seguramente é o maior legado do regime soviético a libertação do mundo das forças nazifascistas cujo discurso e práxis eugenistas e de limpeza étnica representava um mal muito maior.

O fim da era stalinista trouxe uma renovação há muito necessária, trouxe sobretudo a possibilidade de o regime repensar qual caminho seguir, e qual seria o futuro do socialismo no mundo a partir de uma nova *intelligentsia*, principalmente na Europa ocidental, na França e na Grã-Bretanha. Mas isso é outra história.

Hoje, o sentido da memória da Revolução nos faz pensar sobre qual é o nosso lugar social diante de um mundo injusto, provavelmente o de uma globalização, prevista por Marx.¹⁹ Esta nos levou, sim, ao reforço das diferenças, porque essa globalização é neoliberal e não social.²⁰ Nesse caso se faz urgente atuação da *intelligentsia*, no sentido de uma crítica e autocrítica permanente do Marxismo, apontando novos caminhos, e trazendo novas reflexões no jogo tenso da política em todos os seus níveis.

¹⁷ Sobre as barbáries e crimes produzidos sob os espectros do Capitalismo, cf. Perrault (1999).

¹⁸ Sobre os mortos russos durante a ofensiva e ocupação alemã na Segunda Guerra, incluindo civis, cf. Krivosheev (1997). Sobre os mortos chineses com a ocupação japonesa, incluindo civis, cf. Gruhl (2007, p. 85). A bibliografia sobre o assunto é vasta, particularmente sobre os crimes contra judeus, e inimigos do Estado nazista.

¹⁹ Sobre as previsões de Marx para o futuro do mundo, cf. Ricupero (1998).

²⁰ Cf. Ramonet (2006).

Conclusão

Reflitamos hoje, muito mais, sob a luz do que não se realizou; devemos avaliar a experiência socialista muito mais à luz de uma consciência necessária de respeito ao trabalhador, e à sociedade atual, e do humanismo intrínseco a ele; esse é o grande legado real da Revolução Russa de fevereiro de 1905, e da Revolução Russa de fevereiro e outubro de 1917. Legado contrário ao do nazifascismo, cuja herança é a supressão dos direitos da liberdade e da democracia, ou o legado do liberalismo com o seu capitalismo selvagem. Das possibilidades viáveis desse último, somente um capitalismo domesticado ao estilo dos países nórdicos seria viável. Lembremos ainda que os totalitarismos são possibilidades tanto da direita quanto da esquerda que subvertem o humanismo do primeiro e o romantismo nacionalista do segundo.

Assinale-se que estudar a história da Revolução Russa faz parte do próprio universo da história, portanto é inerente a nós, ela aconteceu e não se pode negar. Sua interpretação processual e factual é que sempre estará sujeita a análises.

Por fim, convém enfatizar que o Marxismo apresenta várias perspectivas de compressão, é uma filosofia, e um movimento revolucionário, e também é uma escola histórica; a esta última recomendamos que os candidatos à carreira de historiadores não se furtem aos estudos. Sob o legado da Revolução ou das Revoluções, encerramos com uma conclamação bem ao estilo dos românticos sonhadores revolucionários das jornadas de outubro de 1917 e da Guerra Civil, Ura!

20

Bibliografia

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

ARAÚJO, Johny Santana de. OS CAMINHOS DA INTERAÇÃO ENTRE HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E TEORIA. *Revista de Teoria da História*, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 225-249, abr. 2015. ISSN 2175 - 5892. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/35125/18458>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política*. 1º ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BRINTON, Maurice. *The Bolsheviks and workers control 1917-1921*. The state and counter-revolution, London: Solidarity, 1970.

BROVKIN, Vladimir N. *The Bolsheviks in Russian Society: The Revolution and the Civil Wars*. New Haven: Yale University Press, 1997.

BRÜSEKE, Franz Josef. A crítica da técnica moderna. *Estudos Sociedade e Agricultura*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, abr. 1998. ISSN 1413-0580. Disponível em: <<https://revistaesa.com/V3/ojs-3.1.0-1/index.php/esa/article/view/123/119>>. Acesso em: 10 nov. 2017

COURTOIS, Stéphane (Org.). *O livro negro do comunismo: crimes, terror e repressão*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

ENGELS/BERNSTEIN. London, 2-3, November, 1882. *Marx Engels Internet Archive*. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20100105204518/http://www.marxists.org/archive/marx/works/1882/letters/82_11_02.htm>. Acesso em: 17 jan. 2018.

FERRO, Marc. *A Revolução Russa de 1917*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FITZPATRICK, Sheila. *A Revolução Russa*. 1ª ed. São Paulo: Todavia, 2017.

GRUHL, Werner. *Imperial Japan's World War Two, 1931–1945*. Piscataway: Transaction, 2007.

GOLUB, P.A., OBICHKIN, G.D. *The History of the Communist Party of the Soviet Union (Bolsheviks), Short Course*. New York: International Publisher. 1939.

HARCAVE, Sidney. *The Memoirs of Count Witte*. London: M.E. Sharpe, 1990.

HILL, Christopher. *O Mundo de Ponta-Cabeça: Ideias Radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOBBSBAWM, Eric J. *A Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HOBBSBAWM, Eric J. *A Era das Revoluções: 1789-1848*. Paz e Terra. São Paulo: 2009

JUKES, Geoffrey, *Desastre nos Carpatos – 1916: O Fim do exército Russo*. Rio de Janeiro: Renes, 1979.

KEEGAN, John. *Agosto de 1914: irrompe a Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Renes, 1978.

KENNAN George F. *Russia Leaves the War*. Princeton: Princeton University Press, 1956.

KRIVOSHEEV, G. F. *Soviet Casualties and Combat Losses in the Twentieth Century*. London: Greenhill Books. 1997.

LAUE, Theodore H. Von. *Sergei Witte and the Industrialization of Russia*. New York and London: Columbia University Press, 1963.

MARCUSE, Herbert, *A Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MALIA, Martin. *The Soviet tragedy: A history of socialism in Russia, 1917–1991*, New York: The Free Press, 1994.

MARX, Karl. *A ideologia alemã*. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. Lisboa: Editorial Estampa, 1983.

PERRAULT, Gilles (Org.). *O livro negro do capitalismo*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1999.

PIPES, Richard. *História concisa da Revolução Russa*. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008.

RAMONET, Ignacio. *Fidel Castro: biografia a duas vozes*. São Paulo: Boitempo, 2006.

REED, John. *Os 10 dias que abalaram o mundo*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

RICUPERO, Rubens. Marx, profeta da globalização. *Estud. av.*, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 61-64, Dec. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141998000300007&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 31 Jan. 2018.

SEGRILLO, Angelo. HISTORIOGRAFIA DA REVOLUÇÃO RUSSA: ANTIGAS E NOVAS ABORDAGENS. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, [S.l.], v. 41, ago. 2011. ISSN 2176-2767. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/6535>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

SERVICE. Robert. *Russian Revolution, 1900-1927*. New York: Palgrave Macmillan, 1999.

STEVENSON, David. *1914-1918: A história da Primeira Guerra Mundial*. Barueri: Novo Século, 2016.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TROTSKY, Leon. *A história da Revolução Russa*. Brasília: Senado Federal, 2017. 3 v.

TROTSKY, Leon. *A revolução traída*. São Paulo: Editora Sundermann, 2005.

UFFINDELL, A. *The Nivelle Offensive and the Battle of the Aisne 1917: A Battlefield Guide to the Chemin des Dames*. Barnsley: Pen & Sword Military, 2015.

WALSH, Warren B. A Guarnição de Petrogrado e a Revolução de Fevereiro de 1917. in WEIGLEY, Russell F. (Org). *Novas Dimensões da História Militar*. Vol 2. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.